A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

*Ano II—Numero 103* **Preço avulso 1 Escudo** **12 Paginas**

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES

## LISBOA COBERTA DE NEVE!

Aspecto da Avenida da Liberdade na manhã do dia 26 de Dezembro de 1926, já hoje historico pelo grande nevão que cobriu a cidade.

(Cliché Domingo Ilustrado)



*LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de Feliciano Santos, Augusto Cunha, Artur Portela, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro*

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 103

LISBOA 2 DE JANEIRO DE 1927

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—Rua D. Pedro V 18 - Telefone 631 N. - EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO Rua do Seculo, 150

*ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA*

## cronica da semana

### A ADORAÇÃO DO MENINO

JESUS nasceu. Vêm de longe adorá-lo os Reis Magos. Vêm tambem os humildes. Sobre o berço de palha vã inclina-se, sorrindo, uma grande esperança, oferecem-lhe incenso, mirra e oiro. O pequeno sorri. A mãe tem os olhos humidos de ternura.

Como quer que á vida de todos os seres ande ligada uma ideia de sofrimento, o pequeno nascido em Belem sofreu. Sofreu com amor. Sofreu com resignação. Sofreu por ti e por mim. Sofreu por todos nós.

E de tal modo o seu nome encheu o mundo, que ainda hoje se comemora todos os anos, á mesma hora e em toda a cristandade, a data do seu nascimento.

Entre nós, por exemplo, essa comemoração tem um sentido perfeitamente humano. O menino vai nascer. Todos os meninos que nascem em dezembro devem ter frio. Não haja duvida. Para que ele se aqueça, arde na lareira o tradicional «madeiro».

Mas o menino deve ter fome. Não chore, meu Menino, que já vai comer. Tem uvas e doces, pão fresco e manteiga—junto do seu berço iluminado.

E enquanto ele sorri no pequeno oratorio familiar, arrem lá fora, pelos quintais, as «luminarias».

O Menino Jesus nasceu. Como é generoso e bom, trouxe brinquedos para as creanças—o que te pôs ele no sapatinho? Um «sud-express» com carruagens Pullman? Parabens!

—Tu choras!? O Menino Jesus não se lembrou de ti? Eu sei... O Menino Jesus não escreve no «Diario do Governo»...

Uma rapariga loira que eu conheço—todos nós conhecemos uma rapariga loira—sonhou que o Menino Jesus lhe traria um amor novinho em folha, um amor que era mesmo uma perfeição de brinquedo. O Menino Jesus não trouxe. O amor é um brinquedo raro que já não se fabrica em Nuremberg.

—Queres saber o que o Menino me trouxe? Algumas saudades. Mais nada.

Revejo o Presépio. É a mais linda imagem d'E'pival da minha vida.

Revejo Bethléem. É a mais doce recordação da minha vida errante.

E junto desta lareira alemtejana, aonde me trouxe a saudade do Natal, sinto que me entra suavemente nas veias que se distendem ao contacto do lume—a alegria de viver.

NORBERTO LOPES

## NATAL...

*Ella era a mais bonita rapariga*
*que se podia achar por aqui perto;*
*tinha no andar o rythmo da cantiga*
*que lhe floria no sorriso aberto.*

*O pae, fôra ao Brazil. A eterna historia*
*o eterno drama da ambição obscura*
*num povo que só guarda na memoria*
*cançados atavismos de Aventura;*

*por lá morrera, como morrem tantos,*
*e ella ficou—era uma garotinha.*
*Cresceu, cheia de graças e de encantos...*
*Era tão linda para andar sósinha!*

*Quando voltava, saccudindo as ancas,*
*dos pinheiraes por onde andara aos molhos,*
*eram seus seios duas pombas brancas*
*e eram carvões accêsos os seus olhos.*

*E se ao entardecer ia num salto*
*a buscar agua, o cantaro que erguia,*
*de tão vaidoso de se ver tão alto*
*por não se descompor, nem se mexia.*

*Toda esta rapaziada aqui da aldeia*
*lhe fallava de amor,—sem a prender;*
*que, se em vez de bonita fosse feia,*
*mais seriasinha não podia ser...*

*Requestava-a, fazendo-se encontrado,*
*o filho do Roberto Caldeireiro,*
*senhor de bens na Corga e no Serrado*
*que inda devem valer bem bom dinheiro.*

*Um sobrinho do abbade de Rezende*
*fallou-lhe um dia, acho eu, para bom fim;*
*e ella... sorriu, como quem não entende*
*porque é que toda a gente a quer assim.*

*Ninguem lhe ganharia o coração?*
*Ninguem teria emfim esse poder?!*
*Fructa madura nunca diz que não*
*á mão geitosa que a souber colher...*

*E houve um,—pois ha sempre um...—que num repente,*
*voltava ella da fonte, tanto a olhou*
*que pela vez primeira, subtilmente,*
*o cantaro de barro vacillou...*

*Não ouvi das palavras que trocaram*
*pois cuido que ninguem as poude ouvir;*
*mas quero crer que as juras que juraram*
*fossem todas juradas sem mentir...*

*Vincam-lhe as faces as olheiras fundas.*
*Mas canta sempre quando vae aos molhos...*
*Os seios?... Duas pombas moribundas;*
*mas que calor, na cinza dos seus olhos!*

*Emquanto, ao desafio, as mais festejam*
*as santas alegrias do Natal,*
*ella apenas procura que a não vejam*
*co' as duas mãos em cruz sob o avental.*

*Comprou uns metros de flanella branca*
*e prolonga o serão por altas horas;*
*ri como dantes, na alegria franca*
*das suas gargalhadas tão sonoras.*

*De vez em quando, uma fogueira anciosa*
*queima a expressão do seu olhar parado;*
*—e ha não sei que belleza mysteriosa*
*na curva do seu corpo deformado...*

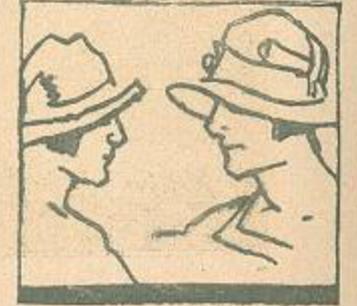
*Orgulhosa da sorte que lhe cabe*
*ri, canta, e sonha, emquanto o tempo corre.*
*E todos fallam...—Mas só ella sabe*
*Se é um deus que nasce ou uma illusão que morre.*

TAÇO

## ECOS

«Saude que baste e dinheiro que chegue—o mais são lérias», disse o pobre André Brun no seu ultimo artigo.

E disse bem. Ano novo! Ano novo! esperança eterna, luz côr de rosa.

Pobre funcionario publico que esticas o ordenado magro e o fato cossado, que tens um batalhão de filhos, e vives num equilibrio dificil—repara no miseravel descalço que dorme sob os barcos podres nos areais da Ribeira Nova; moageiro rico, que sofres as dispepsias nos teus automoveis caros, repara que ha fora dos hospitais doentes mais doentes, sem cama e sem pão; pobre que sofres os frios e as neves—repara ainda nesse esquife pequeno e branco que leva uma creança e repara que vives! Desalentado e fraco—por mais fraco que sejas, repara nessa velha arvore que vai ainda, mutilada e antiga, reverdecer de novo; pai que te morreu um filho—mulher que ficaste só, crêde na vida piedosa e grande, sabe amar os que ficam pela dor dos que se foram, até que a Hora chegue, dôce e serena, como cai a noite...

## questão prévia

EU sou dos que se extasiam perante a obra da Natureza. Desde a amiba ao Sr. Antonio Cabreira, que fecunda criação de formas, que requintadas perfeições, que admiravel equilibrio de forças, orgãos e funções!

A aguia real, batendo um vôo sereno a inacessiveis alturas, e a barata vulgar, aninhando-se debaixo da chaminé, afirmam igualmente e exuberantemente este resumo simples do Universo:—Vida. O oceano e a floresta, o roble e o musgo, o bicho de conta e o elefante, todos entre si estão ligados por um parentesco remoto, porque todos entroncam na celula inicial, onde, amorfos e confundidos, se conservaram até que a primeira vibração de vida se produziu na crosta, ainda quente e pastosa, da terra.

Depois de almoço e fumando um cigarro, num dia formoso e limpido, revolvo gostosamente no espirito estas ideas amplas e admiro sem restrições a obra magnifica da Natureza, concordando, comigo mesmo e com quem se encontrar em identicas disposições de espirito, em que este mundo está superiormente feito e habilmente organisado. Mas quando me acontece, como hoje, encarar a Vida com olhos chorosos e piscos de engripado e aspirar, em vão, o cigarrinho com o nariz donde o olfato se ausentou em gôso de licença, deixando a substitui-lo um pingo impertinente e teimoso, que um vasto lençol não chega para enxugar, então começo a pôr as minhas duvidas acêrca da perfeição da obra da Natureza e concluo, mesmo, entre dois espirros, que essa obra contem erros gravissimos e fundamentais.

Com efeito, para que servem a constipação, o defluxo, a gripe? Compreendia-se que a Natureza criasse a doença, se tivesse tambem criado o medico, mas o medico é uma invenção da civilisação e esta representa o afastamento do homem da Natureza.

Dir-me-hão que a doença é preciso para obrigar o homem a retirar-se da Vida, cedendo a outro o seu logar e que se não houvesse doenças não haveria heranças nem possibilidade de alugar casa sem trespasse. Não concordo. Para assegurar a mortalidade humana, a civilisação pode bem dispensar o concurso da Natureza e das suas doenças, porque dispõe de elementos suficientes e até em excesso: tem a guerra, os automoveis, os electricos, as reivindicações sociais e as lutas politicas. Hoje, graças á civilisação, ha mais facilidade em morrer do que em viver.

A Natureza, portanto, errou, criando a doença. Tanto a civilisação considera esta desastrada fantasia da Natureza como uma «gaffe», que não só prescinde do seu concurso, como até lhe combate os efeitos, aplicando o sinapismo «Rigolot» e varios comprimidos.

Emquanto o meu nariz estiver transformado em fonte e eu fôr forçado a soltar um espirro, de quarto em quarto de hora, como as salvas funebres dos navios de guerra, não estou disposto a reintegrar a Natureza no culto da minha admiração incondicional.

PRESSA

—Conhecemo-nos desde ontem e já me beija! Que pressa!
—Com efeito, vou-me embora amanhã, no comboio das 5...

PRESENTES

—Meu amigo, vou dar de presente a minha mulher alguma coisa de muito raro!...
—O que é?
—Uma mecha de cabelos meus!...

FRIO

—Não abra a porta que está lá fóra muito frio!
—Mas se a não abrir não haverá calor lá fóra!...

PREVISÃO

—Aquele rapaz simpatico ficou esta manhã debaixo dum camion e morreu instantaneamente, coitado!
—Não me admiro nada. Ele ontem andava já tão palido!..

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

# Pagina Alegre por Xisto Junior

## Um trecho bucolico das "Memorias Xistosas"

POR fim, cedi. Já não havia razões que colhessem para o meu amigo que tão insistentemente e tão amavelmente me convidava, por cartas, bilhetes postais e demais formulas do correio e de franquia, a fazer uma temporada campestre na sua quinta de Entre-Douro e Minho, murada a pedra solta e toda ela avivada pela esmeralda dos pampanos, que amorosamente se abraçavam ás verde-negras cerdeiras.

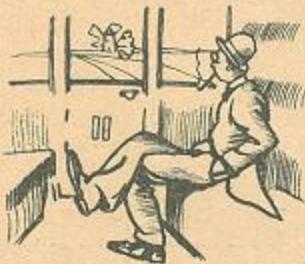
Tive de repetir cem vezes a mim proprio que o campo devia estar lindo para me decidir a largar os lixos e as elegancias da cidade. Na vespera da partida, já com o bilhete do comboio no bolso e a mala despachada para não me arrepender, dei um passeio de despedida pelas atrozes ruas de Lisboa. Subi lentamente a Avenida, com um nó na garganta, que não era só da gravata, mas tambem da saudade por todas aquelas caras inexpressivas, por todas aquelas pessoas futeis ou graves, por quem eu sentia um apêgo de cumplice na adoração das magnificencias da capital. A vista dos electricos fez-me subir as lagrimas aos olhos, á lembrança de que na aldeia onde ia enterrar-me todos os meios de locomoção se reduziriam ao pachorrento gerico. O Chiado enterneceu-me. Sentia um desejo absorvente de abraçar aqueles sujeitos, meus conhecidos de vista, que perpetuamente estacionavam á porta da Estrela Polar, da Pastelaria Marques, da Brazileira e da Havaneza, como se fizessem parte da arquitectura dos edificios respectivos.

Parti, alanceado de saudades, numa manhã de Maio, transparente e doce. Mal o comboio transpoz o tunel e os meus olhos passearam nas verduras tenras da Rabicha—oh varia natureza humana!—comecei a apetecer gulosamente bucolismos á Bernardim Ribeiro e a detestar a aglomeração de argamassa e alvenaria dos burgos.

Longa, penosa foi a jornada até ao virente Minho. Vi, das janelas do comboio, Coimbra e a sua terra catedratica, que estendeu sobre a minha alma a estirada sombra dum remorso pelos inuteis anos consumidos nesse ventre infecundo de Minerva, de gestação absortiva. A travessia do Porto, cinzento de granito e azafamado no lidar constante, foi tambem dolorosa para o meu espirito, que só quietas aldeias, tranquilos vales, serras magestosas subindo no azul e no silencio, sonhava e queria, com a gula e o desespero das creanças que sabem que têm de comer a sopa de macarrão para que sejam comtempladas com o pudim de ovos, da sobremesa.

Uma diligencia levou-me da ultima estação do caminho de ferro ao termo duma estrada que está há mais de trinta anos por concluir e esse prestante veiculo ensinou-me, praticamente, a etimologia da sua designação, porque, na verdade, é precisa muita diligencia para se andar uns poucos quilometros, por tão maus caminhos, em tão incomodo calhambeque.

* * *

Para encurtar razões: cheguei já de noite e fui recebido de braços abertos pelo meu amavel amigo, pelo abade e por uma ceia de cinco pratos, rematada por um leitão assado, que era uma especie de suplemento á comezaina. Devido ao adiantado da hora da minha chegada, o meu hospedeiro fôra forçado a dispensar o concurso da filarmonica do concelho, que obsequiosamente se oferecera, só pelos comestiveis, para abrilhantar a recepção com umas variações sobre o «Ai ó linda!», que faziam furor nas romarias da região.

Ao suplicio da filarmonica fui eu poupado, mas á orelheira e ás almondegas, ao arroz doce e ao leitão não houve intervenção divina ou humana que me poupasse. Tive de comer de tudo e de achar magnifico. O leitão, apezar de eu nunca lhe ter feito mal, fez-me, a mim, um mal terrivel. Não se acomodando no estomago, pertendeu repetidas vezes subir-me pelo esofago, suponho que para vir espreitar se ainda havia alguns restos seus no fundo da assadeira. Pedi alanceadamente uma pinguinha de chá prêto. O meu amigo, desolado, disse-me que era impossivel obter chá áquelas horas, porque a farmacia ficava a duas leguas de distancia e com maus caminhos. O abade aconselhou-me que invocasse S. Gregorio, advogado dos agoniados, ou então que o acompanhasse á residencia, onde ele tinha uma agua milagrosa para curar indisposições de estomago. Sorri, palida, desdenhosa e livrepensadoramente, certo de que se tratava de agua de Lourdes. O bom do padre, espalmando no peito a mão sincera, jurou que não quizera ofender as minhas descrenças religiosas e afirmou, com solenidade, que a sua agua era ardente e de bagaço.

Foi rebolando na cama, cuja roupa de linho grosso cheirava a bravio, que eu passei a minha primeira noite no campo, nos horrores da indigestão.

* * *

Cedo, o claro sol e o meu alegre amigo vieram acordar-me do torpôr em que me deixara a luta travada braço a braço entre o meu estomago e o leitão assado, que terminou por ser vencido aos pontos... Um copo de agua e um pouco de ar puro restituiram-me o aprumo e quando sai do terreiro da casa começava a sentir uma fomesinha muito agradavel de saciar com um ligeiro *petit-dejeuner*.

— Sabes? — disse eu ao meu amigo. Tomava agora um chocolate...

Ele olhou-me com risonho espanto e dando-me um varapau aconselhou-me que fôsse dar um passeio até á hora do almoço, que já estava em andamento.

A quinta, numa encosta suave, descia em socalcos até ao rio. Por todo o horisonte, a renda dos pinhais guarnecia a curva da serra. Salvo seja, parecia um scenario de Renda, Serra & Amancío, porque realmente amansou-me o espirito a sua contemplação, reconciliando-me com o bucolismo de que a indigestão da vespera me havia feito descrer.

Evocando Bernardim, Rodrigues Lobo, Julio Diniz e cantando na memoria umas reminiscencias de Vergilio, comecei a achar lindo tudo aquilo e a desejar ser um zagal das eclogas, tangendo frauta e avena para variar, interrompendo de vez em quando o concerto para dizer em redondilha os meus queixumes de amor ás zagalas das minhas relações e aos pastores do meu sindicato. Cantava-me na alma o ritmo do doce Bernardim:

> Antre Tejo e Odiana,
> Dizem que houve um pastor
> Que era perdido d'amor
> Por hua moça Joana
> Joana patas guardava
> Pola ribeira do Tejo,
> O pastor do Alemtejo
> Era e Jano se chamava.

Estes devaneios, a que me entregava, prejudicavam bastante as minhas botas de verniz. A cada topada, nova esfoladura. O varapau, nas minhas mãos inabeis, mais servia para me espancar as canelas que para apoiar os meus passos. Mas estes inconvenientes eram largamente compensados pelo encanto de beber nas fontes rusticas, recebendo na face o weio cristalino e fresco, e de sentir os ramos baixos das arvores fustigarem levemente e com ironia o meu côco citadino.

Neste enlevo me achei á beira do sereno rio, sentado nas raizes descarnadas dum velho amieiro. Ao meu redor, tosando a relva humida, pasciam mansas ovelhas, que não eram tão brancas como o meu conceito bucolico desejaria, mas que me davam, todavia, a porção bastante de ecloga de que eu precisava nesse momento. Um cão, com o focinho de poucos amigos e uma pastora, sentada numa pedra, a coçar as pernas vermelhas e asperas, completavam o quadro que eu imaginara e vinha desejando desde a Rabicha.

A zagala não era bem a timida Joana das eclogas de Bernardim. Não guardava patas nem as conveniencias, porque das canelas passára á cabeça e continuava a coçar furiosamente a risca do cabelo. Embora... A manhã era luminosa e fresca, o rio, sombreado de choupos e amieiros, murmurava frases de misterio, as ovelhas pastavam, o cão rosnava, fitando a orelha. Tanta poesia ambiente dominou-me. O peito arfava-me de puro gôso. Senti-me zagal, apesar do fraque e do monoculo. E não foi mais possivel conter-me: dirigi-me á pegureira, em cujos olhos virgens se reflectia uma alma gemea da minha e interpelei-a á maneira classica, na redondilha menor das eclogas.

> Porque é que apascentas gados,
> O' das canelas vermelhas,
> Gentil zagala de ovelhas,
> E assi leixas meus cuidados,
> Meu rebanho de tristezas,
> Sem guardas e sem defesas,
> Dos zêlos tão mal guardados?

A este rasgo poetico, a pastora, que se erguera surpreza, passando pelo nariz as costas da mão, que limpou á saia, disse-me com severidade:

— Essa trêta não pega, que eu bem a conheço. Já estive três anos a servir em Lisboa, em mais de trinta casas. E em todas havia um menino que me fazia versos.

Que me importava que esta zagala já tivesse sido sopeira?... O que eu queria era um bocado de bucolismo, para aproveitar o ambiente. Prossegui impavido, acudindo á deixa:

> Por te servir venho, embora
> Já sirva minha tristura...
> Leixemos o gado ora
> E vamos por ahi fora;
> Samicas pela espessura!

Nesta altura do «samicas», como eu pretendesse juntar o gesto de a abraçar pela cintura á palavra estranha, a pastora largou num berreiro, dizendo que eu estava a insultá-la, que a Samicas Gouveia era uma gatuna de forasteiros e outras enormidades que atrai-

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 7)

### A MAIS FUNDA MINA

Há, no Transvaal, uma mina, a City Deap, que é constituida por dois poços cuja profundidade total atinge 2.135 metros. Apresenta uma notável particularidade: o aumento de temperatura, á medida que avançamos para o interior do solo, é apenas de 1 grau por cada 137 metros. A temperatura do fundo da mina não ultrapassa 35 graus, o que permite explorá-la sem o emprêgo de aparelhos refrigerantes que fazem circular um ar frio.

Há, no Brasil, minas muito profundas, mas nas quais a temperatura aumenta de tal maneira que a sua exploração é muito dificil e o seu rendimento é inferior.

### COINCIDÊNCIA

A biblioteca de Versailles possui um curioso documento datado da época em que o grande imperador Napoleão era cadete e andava ainda nos estudos. Esse documento é um caderno de geografia que pertenceu a Napoleão e cuja última página termina por esta referência, onde parece caber a síntese duma das maiores vidas da Historia: *Sainte Helène, petite île.*

### PARIS E O VINHO

Em dezembro de 1925, o consumo parisiense do vinho começou a reduzir-se muito consideravelmente, em comparação com o consumo de dezembro de 1924.

Em dezembro de 1924 tinham sido consumidos, em Paris, uns 485.406 hectolitros de vinho. Pela mesma época, no ano seguinte, só se tinham consumido 476.890 hectolitros.

Desde essa época, a baixa do consumo parisiense de vinho não cessou. De mês a mês, consumiu-se muito menos.

### O CICLO DO NATAL

O ciclo do Natal é, com o da Pascoa e o de Pentecostes, o primeiro dos três ciclos do ano eclesiástico. O ciclo do Natal compreende as quatro semanas que precedem o dia de Natal e que se chamam o tempo do Advento (chegada, vinda), tempo de penitência e de preparação.

A não ser em caso de festa, os padres vestem paramentos côr de violeta, côr de penitência.

A festa da Imaculada Conceição, que se celebra a 8 de dezembro, cai no tempo do Advento.

A transição do tempo do Advento para a própria festa do Natal é assinalada por um ofício solene, celebrado na noite de 24 para 25 de dezembro, e por uma missa dita á meia-noite, hora do nascimento do Salvador. No dia do Natal, todos os padres podem celebrar três missas: a da noite, a da aurora, e a do dia. Depois do Natal, celebra-se, a 26 de dezembro, a festa de Santo Estevão; no oitavo dia depois do Natal, 1 de janeiro, celebra-se a Circunsição; a 6 de janeiro, celebra-se a Epifânia ou festa dos Reis, e a 2 de fevereiro, a Purificação, que é a última festa do ciclo do Natal.

## O ESPIRITO RELIGIOSO DOS JAPONEZES

EM pleno dia do Natal—um dia que, para êle, não era festivo,—faleceu o imperador do Japão. Dizem os telegramas dos jornais que Yoshihito morreu suavemente, conservando até ao fim tôda a sua lucidez. Não admira que assim fosse. O Japão é o país onde se morre a sorrir. Todo o japonês bem educado—quanto mais um imperador!—acolhe a felicidade ou a desgraça com o mesmo sorriso.

O mikado Yoshihito deve ter morrido a sorrir, porque a sua religião ensinou-lhe que é inútil revoltar nos contra o destino e que, para lá do tumulo—na nova vida que o espera—encontrará as mesmas flores, de intenso perfume, as mesmas aguas límpidas, as mesmas arvores de sombra doce, tudo, enfim, que dá á Natureza o aspecto risonho que ela assume, no Japão.

O imperador do Japão é o chefe religioso do país, sendo a religião nacional o «shintoismo», síntese do culto pelos antepassados e do amor pela pátria. O culto da tradição é a caracteristica mais frisante dessa vaga e imprecisa religião. Os multiplos deuses do Japão não teem grandes exigencias e, á maneira dos seus adoradores, são amáveis e tolerantes. Não exigem longas orações nem presentes ricos. Mas não perdoam a quem não ame a terra pátria e esqueça o que deve ás gerações passadas, aos que semearam para os outros colherem.

No império japonês há mais de trezentos mil templos ou sanctuários e cento e cincoenta mil sacerdotes. Os deuses não teem conto.

A divindade suprema dos japoneses é *Amaterasu*, a deusa do dia, irmã do deus da Lua, ambos saidos dos olhos de *Izanagi*, um dos deuses criadores que deram consistencia á terra e geraram as ilhas maravilhosas do Japão.

Os japoneses elevam templos aos seus mortos celebres, como nós erigimos estatuas. O jornal do govêrno informa-nos, por vezes, que os manes de qualquer soldado heroico receberam aumento de ordenado ou que o imperador concedeu novas honras a um morto cujo fim praticou qualquer acto notavel. O culto dos mortos está tão enraizado no Japão que em tôdas as casas há o altar dos antepassados. Soldados, artistas, pobres, ricos, poderosos e miseraveis, todos os que bem mereceram da patria teem lugar no panteon japonês. Os espiritos dos deuses e dos antepassados teem direito a continuar gozando de todos os prazeres terrenos e, por isso, se colhem flores para êles, se lhes oferecem copos de agua, se toca e se dansa em honra dêles.

As cousas tambem podem ser divinizadas ou tornarem-se *kamis*; a montanha, o mar, a arvore, a planta, o fruto, a flor, a pedra, o ar, tudo pode ser *kami*.

Os templos da religião nacional japonesa—que não se deve confundir com o budismo, com sumptuosas igrejas—são duma grande simplicidade. São uma especie de cabana, aberta aos ventos e ás aves, sem pinturas nem doirados, e tendo por unicos simbolos sagrados um espelho e um feixe de bambus onde estão penduradas umas tiras de papel, arrendadas. Esses feixes de bambus chamam-se *gohei*.

A explicação dêsses simbolos está num episodio da lenda de *Amaterasu*. A deusa do Sol ou do Dia, melindrada pelo procedimento de seu irmão, o deus da Lua ou da Noite, encerrou-se numa gruta, e para a tirar de lá foi necessario apelar para a sua garridice e curiosidade feminina. Os deus colheram uns ramos e enfeitaram-nos com tecidos preciosos e puseram-se a chamá-la, gabando-lhe a sua beleza e apresentando-lhe um espelho. Só assim é que *Amaterasu* saíu da caverna. As rendas de papel simbolizam os ricos tecidos e o espelho recorda o que atraíu a deusa. Os *gohei* ou rendas de papel aparecem por tôda a parte, no Japão, e são objecto de veneração e talisman contra os espiritos malignos.

Para chamar os deuses a ouvi-los, os japoneses batem palmas.

Tôda a simplicidade da religião nacional do Japão parece ainda maior em contraste com o cunho pragmatico da religião budista, que tem numerosos adeptos nas ilhas nipónicas. As capelinhas rusticas, erguidas aqui e ali, por todos os cantos, em nada se parecem com os templos sumptuosos, onde se queimam mil perfumes e onde tudo é rico e grandioso, a começar pelos padres ou bonzos que se vestem luxuosamente e recitam orações em velhos idiomas indús. Os padres do culto nacional não teem a menor imponência e são chefes de família que de manhã se sentam á porta de casa, bebendo chá, fumando do cachimbo e lendo o jornal.

A religião nacional do Japão está bem a caracter com a índole simples, amavel, acolhedora dêsse povo que atravessa a vida a sorrir e entra na morte ainda a sorrir, como quem pede licença para entrar num mundo melhor.



### PARA DEFENDER OS ELEFANTES

Os caçadores são implacáveis e os rebanhos de elefantes da Àfrica Equatorial estão dizimados. Acabam de ser tomadas algumas medidas para os defender e assim é que foi proibida a venda e a exploração de pontas de marfim com menos de 2 quilos, o que significa, praticamente, que foi proibida a caça aos elefantes novos.

### OS ANÕES

E' frequente aparecerem em Paris, como elementos recreativos, algumas *troupes* de anões, que veem exibir-se nos circos ou *music-halls*.

A maior parte dêstes infelizes são comprados na Hungria, principalmente nos distritos de Borsov, Abanj e Zemplen, por empresários alemães, que os ensinam a fazer habilidades e os transportam atravez do mundo. As famílias que os vendem, ou antes, que os alugam mediante contractos renováveis, são muito pobres.

A Sociedade das Nações, que se ocupou do caso, entende que a pobreza não é razão bastante para justificar semelhante comércio de brancos.

### O MÉDICO DE SÃO MARINO

Diz-se que Napoleão, perguntando-lhe alguem o que se devia fazer á República de São Marino, respondeu: «Conservá-la, como exemplo».

O *exemplo* sobreviveu á grande glória napoleónica. A pequena República, favorecida pela sorte, lá tem vivido, conservando tôdas as suas tradições, desde a sua fundação, isto é, desde o século IV. Foi segundo uma dessas tradições que o «Conselho dos sessenta» (que, por acaso, só tem quarenta membros) teve que decidir, há pouco tempo, acêrca da eleição do médico da República. Este médico, segundo a Constituição, só pode exercer as suas funções durante três anos, tem de ser estrangeiro e contar, pelo menos, trinta e cinco anos. O único candidato, um médico de Ancona, foi aceite.

Mas a sua recepção foi atrazada em cinco dias, durante os quais a República esteve sem médico, visto que ao nomeado ainda faltava êsse tempo para atingir a idade legal. Não se pode ser mais praxista.

### NÚMEROS MÀGICOS

Alguns numeros possuem propriedades muito curiosas que sempre espantam, apezar de resultarem de leis conhecidas. Um dos números mais ricos em propriedades mágicas é o número 37.

Assim, multiplicando-o por 3 ou por um múltiplo dêste algarismo, obter-se-hão, no produto, três algarismos semelhantes.

Exemplificando: $37\times3=111$; $37\times6=222$; $37\times9=333$; $37\times12=444$; $37\times15=555$; $37\times18=666$; $37\times21=777$; $37\times24=888$; $37\times27=999$.

Se colocarmos os produtos em linha vertical, verificaremos que os algarismos dêsses produtos, lidos isoladamente de alto para baixo, dão a serie dos algarismos na sua ordem regular.

# TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

## Profanações

Há tempos representou-se em Londres um «Hamlet» vestido á moderna. Houve criticas impiedosas mas afinal grande parte do publico aceitou a inovação, não deixando contudo de preferir os rigorismos do «Old Vic», o severo guardião do genio shakespereano.

Que diriam em Inglaterra da audacia do realisador Leopold Jessner que acaba de enscenar, no Stadttheater de Berlim, uma parodia ao «Hamlet», levada ao extremo? Não só no que respeita á indumentaria. Mas ainda quanto a scenarios e á propria acção da peça.

Assim, a Côrte de Elsenor é a de Guilherme II, no começo do seu imperio.

Jessner preocupou-se com a estricta observancia das rúbricas de Shakespeare.

Fez resaltar, por exemplo, no personagem do Kaiser, a quasi paralysia do braço curto do rei Claudio, para simbolisar «uma inferioridade mental manifesta». Analogia curiosa . . .

Polonio é Bethmann-Hollweg.

Levantou-se viva campanha na imprensa berlinense, uns pró, outros contra. A rasão parece caber a alguns criticos sensatos que condenam a parodia como atentado vil contra uma das rarissimas obras primas do Teatro que o genio humano tem produzido.

Evidentemente Leopold Jessner quiz triunfar pelo escandalo . . .

No terreno da Musica, a profanação já chegou a Wagner. É que estamos no reinado do Jazz.

Aqui em Lisboa já se ouve o «côro dos peregrinos» do «Tannhäuser» em tempo de fox-trot, com acompanhamento de xilofone e de serrote; e a «marcha nupcial» do 3.º acto do «Lohengrin», como se fôra um shimmy. E já tivemos tambem o «Parsifal» ás marteladas syncopadas!

Puccini tem sido dos mais martyrisados. Já vímos o publico entusiasmado com um one-step do «Sono andata, fringevo di dormire», do 4.º acto da «Bohème» . . .

Ainda se admite que haja publico com estomago para achar graça e aplaudir. Mas que alguns «jazzomanos» perpetrem estes atentados é que se não comprehende.

Pelo visto, vae ser uma «razia». A profanação começou pela Musica. Chegou a vez do Teatro. E, para começar não é mau . . .

O «Hamlet» em parodia . . . É verdade que já tivémos a parodia do «Othelo» . . .

Falta agora uma revista no Parque Mayer, do «Rei Lear» ou da «Fera amansada».

E' bom não mexerem com o «Macbeth» que em Inglaterra passa por ser «porte malheur» . . .

CARLOS ABREU



## palestras de café...

### A Scenografia Moderna

TOMEMOS hoje para assunto desta palestra, onde não ha tempo para estilo, nem espaço para citações, esse elemento importantissimo do teatro que se chama a *mise-en-scène*. Não vou referir o que se não tem feito, que é bem pouco, diga-se de passagem, mas o que já se fez e se pode fazer ainda, buscando a arte por um caminho pratico e simplista, em que o bom gosto não queira dizer a riqueza, nem a realidade dogma de respeito, intangivel e sagrado.

Antes de mais nada é preciso colocar o *metteur-en-scène* ao lado do autor. Um fez a obra; o outro interpreta-a, na escolha dos artistas, no arranjo scenico, que deve sempre corresponder ao ambiente e aos objectivos da peça, e ainda na selecção e construção dos scenarios, que valorizam e prolongam a acção dramatica. Dantes era vulgar no teatro portuguez, tão vulgar que ainda hoje se nota, arranjar um qualquer scenario, para uma peça de linha especial ou de singular construção, em que o meio, o horisonte, o quadro, a perspectiva em nada explicavam a deambulação dos personagens, cujos movimentos deviam ser coordenados segundo o ambiente. Tudo arbitrario contanto que agradasse á vista. Esse mau sestro, bazeado numa profunda ignorancia da arte cingida ao teatro, levava os nossos emprezarios a serem vitimas de descaradas explorações decorativas, inferiores e mediocres, como tudo que sendo feito para o *proscenium* é creado fóra dele. A escola moderna veio dar á scenografia um impulso prodigioso. Abandonou-se a *scena-ilusão*, sem caracter, nem detalhe psicologico, pela verdade—mas uma verdade subordinada á estetica, e da qual são banidos todos os motivos, que um excessivo *vérismo* podiam transformar em detalhes ridiculos e pueris. Trocou-se a côr forte, dum unico timbre—pela nuance, mais conforme as peças de ritimismo, de delicadeza, de subtil sensibilidade. Fizeram-se aplicações cinematograficas, que deram optimos resultados; Reinhardt, influenciado pelos bailados russos, cria para cada peça uma atmosfera especial; varios artistas desnudam as linhas até encontrar a sua sinteze, — projectam-nas, no espaço; Fortuny inventa uma cupula luminoza que radia, viva ou difuza com a propria intensidade solar; destroi-se a gambiarra; o palco desce até á platea, em escadas, tornando-se assim mais proxima do espectador a representação—e a luz, o efeito de luz começa a ser, é-o agora, em toda a parte, o mais precioso, o mais importante elemento, que trabalha no palco . . . Já não quero falar nas rotundas, nos palcos giratorios, na indumentaria, nem mesmo na reconstrução plastica das figuras gregas, como o fazem os teatros de Moscow; deixo tambem de parte as tentativas estupendas de Craig, as creações de Gemier e de Cocteau . . . Tudo isto apontado sumariamente, e com citações que não devia fazer—que os leitores perdoem não ter mantido a promessa—prova bem, como lá fora a *reatralização* do teatro é um facto, que deixou já os dominios da experiencia, para a acção continua, intensa, segura. Ninguem a discute—porque todos a aceitam. Liga-se tanta importancia ao verbalismo duma peça como á sua montagem. Não se podem dividir, nem diferenciar. São iguais e categoricas.

Em Portugal—é precizo dizê-lo sem sombra de elogio—temos dois artistas magnificos de *mise-en-scène*. Um deles avançado, modernista, sintetico, *profundamente expressivo*, a quem devemos a construção scenica, exegetica, do *O Homem e os seus fantasmas*: Leitão de Barros. O outro, academico, sobrio, equilibrado, procurando as grandes harmonias de côr, dentro duma sumptuozidade soberba, mas eloquente—é Augusto Pina. Salvamos estes dois nomes.

Ha mais, muitos mais mesmo, mas esses agarrados ás suas tradições e aos seus processos, deixam passar o movimento moderno de scenografia, como um cortejo, que lhes é indiferente ou hostil. Pela sua atitude—não os felicitamos . . ,

ARTUR PORTELA

## O Caso do Dia

*Dr. Ramada Curto, o autor do «Caso do Dia», recente exito do Gymnasio, visto pelo nosso caricaturista Botelho.*

## A revista De Teatro

**vai de vento em pôpa**

Recebemos o ultimo numero do brilhantissimo Magazine dirigido por Mario Duarte e que contem, como sempre, alem de uma peça completa «A Mouraria», em scena no Teatro Apolo, a colaboração sempre viva e oportuna dos nossos maiores nomes de Teatro. O aspecto gráfico vem tambem singularmente melhorado.





**Nacional**

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha —o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelina Abranches, a comediante cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araujo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno.

**S. Luiz**

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» de teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brazileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal.

**Politeama**

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empreza de arrojado e antigo emprezario Luiz Pereira.

**Trindade**

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuimos. A grande Lucilia, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais dificil repertorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

**Avenida**

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Pé de Salsa».

**Gimnasio**

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjuncto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bôa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

**Eden**

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo—feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Morangos» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Fereira e L. Oliveira.

**Variedades**

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournées» triunfais a atestarem a grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

# O misterio do estudante indiano

*Emocionantissima pagina de acção e de interesse, contada na prosa colorida, vibrante e sugestiva de O HOMEM QUE PASSA*

QUEM era Nurmi? Qual a sua origem? Pouco se sabe alem da sua aparição na Colonia penal onde pude, numa longa noite deste começo de inverno, colher informes sobre o seu crime, inédito e frio, que me arrepiou pelo seu engenho, e que me chocou pela prevesidade implacavel que revela.

O que se sabe da sua vida—ou antes o que eu posso revelar do que sei— é que Nurmi é filho d'alguem que, na India Portugueza, ocupa situção de brilho.

A sua tez cobreada e oleosa, onde a onda negra azeviche do cabelo, como uma asa brilhante de corvo, punha um ar selvagem, impressionou-me.

Pude então penetrar na misteriosa tragedia da sua vida, onde a mancha da morte de Isabel V. põe, já hoje, para todo o sempre, o estigma vermelho do assassinato.

Ouçam.

* * *

Nurmi—tratêmo-lo só por este nome —é um rapaz de vinte anos, alto, fino, nervoso, um atleta—talhado em bronze, onde os musculos tem a «souplesse» das molas de aço.

O nariz curvilinio e sensual, a boca fina, os olhos negros levemente convergentes e redondos, como os pombos de raça. Datam de Janeiro deste ano as suas relações com Isabel V., a herdeira do Palace Hotel de C., viuva, rica, mulher no declinio feroz duma mocidade estouvada, na qual, nem a propria filhita poz uma nota de harmonia ou equilibrio humano.

Encontrados numa festa de caridade, Isabel deu-se a permitir as visitas insistentes de Nurmi, e, nem a diferença da edade, nem a falsa situação do rapaz, nem o flagrante aspecto interesseiro dessas relações, evitaram a loucura dos dois amantes, com o escandalo duma instalação no Borges em quartos communs, e o espalhafato duma assinatura em S. Carlos quasi no fim da epoca.

* * *

Penetrado na vida interna de Isabel, como um «souteneur» corrupto, o indiano, cujo amor prostituido vilmente se vendera á viuva caprichosa, procurou habilmente convence-la a desfazer-se das joias, apezar das boas rendas que lhe vinham da solida casa transmontana.

Costumada porem a contar e a pagar a sua vida, Isabel foi resistindo, e alem do dia a dia, Nurmi pouco conseguiu haver ás mãos—conquanto jogasse já habilmente com a brutalidade amorosa que domina as mulheres como aquela que vivia com êle.

Foi então que, ao instalarem-se em Setembro no Miramar do Estoril, ele, pretextando a chegada do pai (?) lhe propoz que fossem ao Registo legalisar a sua situação. E Isabel não se opoz...

* * *

Ligado maritalmente á rica herdeira, e já hoje possuidora da bela fortuna dos V., Nurmi tinha apenas um pensamento, uma preocupação, um fim a atingir: desfazer-se habilmente dela.

Não, decerto, uma morte que dalguma forma o deixasse em fóco. Não um veneno, por mais misterioso que fosse, que um medico, um analista descobrisse. Não, era preciso alguma coisa que não deixasse suspeitas, que lhe permitisse dormir sempre tranquilo na perfeita impunidade. Um crime em que o proprio «acaso», a propria «fatalidade» fosse auctora, e em que a sua reputação e a sua pessoa ficassem ilezas...

* * *

A pequenita Maria, filha de Isabel V, era uma deliciosa garotinha de sete anos, botão de rosa macio e suave, de mil graças senhoris.

Uma manhã, Nurmi tomou-a extranhamente nos braços, e na varanda do hotel esteve um momento a contem-

*— Vá, vamos brincar ás caçadas—disse o indiano...*

pla-la. Depois, tirando da algibeira uma dessas imitações de pistolas que mais não são do que cigarreiras, esteve a ensinar-lhe como se abria e como se fechava, carregando na pequena mola do gatilho.

—Vês... acentuou.

—Faz-se assim, —e do cano do pequenino brinquedo de niquel saía um cigarro de chocolate.

—E' preciso carregar com força... Assim...

Experimenta...

E, na mãosinha rosea da pequena, o gatilho disparara-se, fazendo saltar os cigarros de chocolate que os seus dentes trituravam.

—Vá. Agora vais-me matar... Aponta, dispara...

E as gargalhadas da pequenina punham, na varanda cheia de sol, um encanto sagrado naquela inofensiva scena de familia...

* * *

Na semi-obscuridade do quarto, Isabel, adoentada ha dias, estava estendida na cama. Nurmi viera para Lisboa, e, de manhã, despedira-se como de costume. Fizera ainda muitas festas á pequenina e já na varanda, ainda lhe segredára qualquer coisa.

. . . . . . . . . . . . . . .

O alvoroço na sala de fumo, contigua, aos aposentos do indiano e de Izabel foi enorme, quando, logo a seguir ao almoço, se sentiu, no meio do silencio pesado da hora do café e dos licôres, um tiro seco, metalico, arrepiante, e um grito horrivel.

Como loucos, o gerente, os creados, e alguns hospedes que estavam mais perto, correram sobre o corredor alcatifado e empurraram a porta.

Em pé, sobre um banco, estava uma creança empunhando um revolver ainda fumegante, os olhitos estampados na mãe, que, sobre a cama, se torcia na rodilha dos lençoes.

Abriram as janelas.

—O que foi? o que foi?—gritaram mil bocas espantadas, assomando á porta dos aposentos de Isabel.

Mas, a creança, no seu melhor sorriso, encarando admirada o revolver, murmurou apenas:

— Não deitou o chocolate... o Nurmi é mau...

* * *

Quando o indio chegou á noite, tranquilo, para o jantar, e subia a escadaria, alguns hospedes vieram ao seu encontro.

Isabel já não estava no Miramar.

Tinha havido um desastre. No hospital os medicos de serviço iam tentar uma operação, mas receava-se bastante que o coração atingido nos musculos propulsores não resistisse.

Nurmi caiu prostrado sobre uma cadeira de palha da varanda.

Ah! não se representa melhor! Havia lagrimas nos seus olhos, e a boca soba comoção imprevista, tremia.

As senhoras choravam, e alguns homens tinham tambem o olhar brilhante...

Só aquele velho Mr. Wodrow, que ha longas primaveras passeia a sua indolencia pelo Estoril, escreveu á policia portuguesa alguma coisa que a elucidou...

* * *

E, uma manhã, quando ainda Isabel no hospital, aguardava o resultado definitivo da operação, que lhe daria a vida ou a morte, um agente, na ausencia de Nurmi, poude falar com a pequenina.

Quando, no governo civil, a creança, diante do espanto de todos, repetiu a forma por que Nurmi preparara o desastre ocasional de Isabel e na sua ingenuidade explicou que o Nurmi era mau... porque lhe dissera que a cigarreira tinha chocolate... e que fosse ao quarto busca-la quando a mãesinha dormia, e brincasse com ela ás caçadas, mas sem ela ver... —todos á uma se convenceram da formidavel culpabilidade de Nurmi—o preverso indiano que pusera ao alcance da mão inocente uma arma em tudo semelhante ao brinquedo.

E, é ainda e sempre sobre a implacavel e tranquila acusação da creança que Nurmi hoje espia o assassinato de Isabel V., na relativa paz da colonia Penal de S.

O HOMEM QUE PASSA

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

# A melhor prenda

***Um humorista que escreve hoje uma pagina desoladora e sentida, onde passa a tragedia dum drama simultaneamente pueril e profundo.***

N'AQUELA casa triste, onde a desgraça se instalára, apenas os sorrisos dos pequenos, punham de quando em quando uma palida nota de alegria.

Apesar da correcção que punha em todos os seus actos, apesar da sua honestidade inexcedivel, por vezes de rigores e de melindres excessivos, apesar do trabalho esgotante a que se dava e dos seus constantes esforços para melhorar a situação, a desgraça perseguia-o.

Ele, porém, d'uma perseverança, duma tenacidade invulgar, creando alento nos sorrisos inocentes das creanças, continuava a luta ingrata e árdua.

Mas era tal a adversidade, tal o rigor da sorte, que muitas vezes o desalento vinha cavar um profundo abismo de sombra no seu caminho.

Assim passavam os meses e os anos, na tristeza de ver os seus sem o conforto que mereciam e que ha tanto ambicionava para eles.

E nunca passavam dum sonho as alegrias que projectava no dia em que por fim a aza negra da desgraça deixasse de roçar a sua porta.

Era sempre numa grande esperança que via começar um novo ano, mas num profundo desalento que via aproximar-se-lhe o fim.

Por vezes revoltáva-se e pensava que não merecia menos do que os outros, porque não era menos activo, menos culto, menos competente, menos incançavel, menos honesto. Menos honesto! Poucos haveria que pudessem egualar, sequer, a sua correcção.

Nesse ponto quem poderia excede-lo? Acima de tudo a sua honra; se para vencer se tornasse necessario esquece-la, preferia vencer-se a si proprio. Quantas vezes a ideia duma bala redentora lhe atravessou o cerebro. Mas era preciso pensar neles, nos pequenos. E a luta prosseguia.

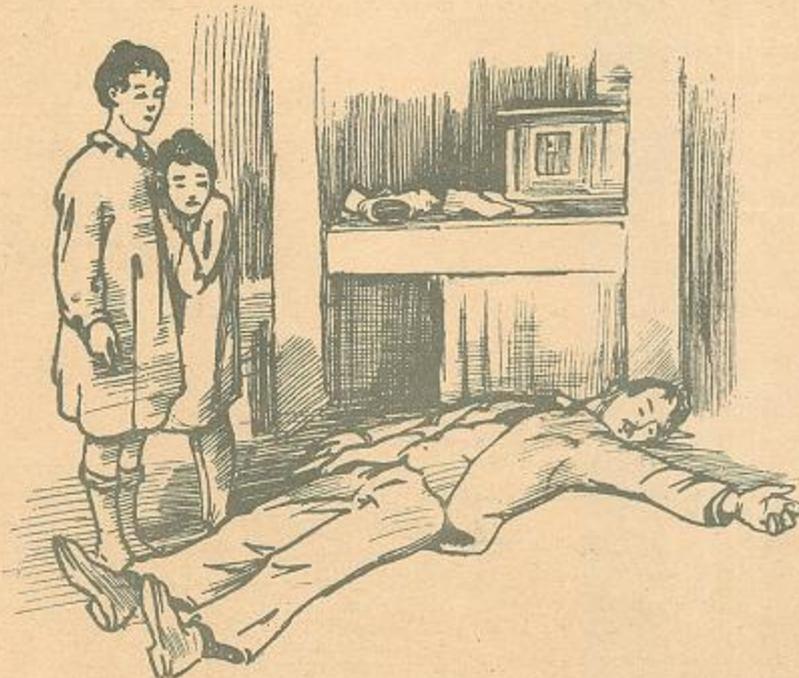
Contudo, a adversidade, o azar nas mais pequenas coisas, nas suas mais humildes aspirações, parecendo querer experimenta-lo, pô-lo á prova, chegavam a quebrar-lhe completamente as forças; deixando-o porém firme nos seus principios, no caminho que traçára. Mas o maior suplicio era o de não poder dar aos pequenos tudo o que os seus desejos de creança ambicionassem, não lhe poder satisfazer todos os seus caprichos infantis, todos os seus pequeninos ideais.

Ao ver aproximar-se qualquer data festiva, a Pascoa, o Natal, o Ano Bom, ele, sempre na esperança de poder uma vez ao menos realizar completamente a sua vontade, dando plena satisfação a todas essas infantis aspirações, trabalhava mais, esforçava-se por todas as formas, esquecia-se de si proprio, numa luta excessiva, sobreumana, em que pouco a pouco as suas energias se esgotavam.

Mas era certo que tudo se conjugava para lhe inutilisar os esforços, para lhe contrariar as intenções, a realisação dos seus desejos. De tal forma se complicavam a sua vida e os seus negocios, que precisamente nessas epocas as suas possibilidades eram ainda menores. Então desesperava e ao ver os outros esbanjarem aquilo que muitas vezes sem o mais pequeno esforço lhe viera encher os cofres, chegava a perguntar a si mesmo se não estaria no mau caminho e se não seria afinal um crime ser honesto.

Á medida que os seus esforços aumentavam, cresciam as dificuldades. A sorte era como a propria sombra que ele se puzesse a perseguir.

* * *

Nessa noite de Natal, os pequenos, radiantes de esperança na generosidade do menino Deus, ageitavam numa

...eles ainda se lembram com saudade, daquele santo presente dessa noite de Natal.

gralhada de alegria os pobres sapatinhos na estreita chaminé, na certeza de que o generoso bemfeitor espalharia egualmente as suas atenções pelos palacios e choupanas, distribuindo sem distinções a sua enorme provisão de lindas coisas.

E ele, ao ver tanta alegria e tanta fé, ao ver a confiança dos pequenos, achou que não teria forças para assistir á maior desilusão que esses desejos infantis podiam ter, e que até ali, a poder de sacrificios, tinha conseguido evitar.

Nessa noite, a adversidade maior não tinha permitido sequer que um pobre brinquedo, o mais infimo, o mais humilde boneco, fosse encher os esperançados sapatinhos.

E como poderia ele assistir na manhã seguinte a essas pequeninas desilusões, a esses pequeninos desgostos sentidos como calamidades, ao constatarem que o menino se esquecera deles.

Não podia, era impossivel, era superior ás suas forças e na verdade não merecia essa tortura.

Ainda saiu, ainda tentou, ainda procurou; mas tudo inutil.

E quando, no outro dia, a alegria das creanças sucumbiu, desiludida, perante os sapatinhos vazios, ele, palido e acabrunhado como reu dum grande crime, ao afagar tremulo as louras cabecitas tinha o rosto sulcado de grossas lagrimas, unico presente que lhes poude oferecer nessa triste noite de Natal.

* * *

E hoje, tantos anos passados sobre essa tragica madrugada, rematada por uma bala e um fio de sangue, eles ainda se lembram com saudade, daquele santo presente dessa noite de Natal.

Pela vida fóra, no meio de inimizades e de lutas, sem uma afeição sincera, sem um vestigio de amizade, que saudades eles teem daquelas lagrimas paternas, perolas de ternura e de bondade, unica prenda dessa noite de Natal,—a melhor prenda que na vida obtiveram.

AUGUSTO CUNHA

## PAGINA ALEGRE

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

ram ao local três alentados moços de lavoura, que carinhosamente me transportaram em braços a casa do meu amigo, depois de me terem posto em estado de eu não poder ir por meu pé.

Quando recuperei os sentidos, reclamei um automovel da Cruz Vermelha para me levar ao posto, mas a Cruz Vermelha da localidade era o barbeiro, que já fôra chamado e que insistia em me fazer a operação do trepano, com o fundamento de que a causa da fractura fôra uma valentissima trepa.

Desde esse dia fatal renunciei ao bucolismo e aos prazeres campestres e mesmo quando tenho de passar em Entre-Campos o meu coração palpita.

XISTO JUNIOR

DESASTRADO

*— Papá arrebentei o meu tambor!*
*— Desastrado! Se calhar estiveste á bater-lhe em cima! . . .*

# MOINHO DE PACIENCIA

| N.º 9<br>3.ª serie | SECÇÃO CHARADISTICA<br>SOB A DIRECÇÃO DE<br>JOSÉ D'OLIVEIRA COSME<br>DR. FANTASMA | 2<br>JANEIRO<br>1927 |
|---|---|---|

Sra. D. Maria Amelia Gomes, «MAMEGO», detentora do titulo de «Campeão dos decifradores» da 2.ª serie.

Sr. Francisco da Graça Bagulho, «BAGULHO», detentor do titulo de «Campeão dos Productores» da 2.ª serie.

## Apuramento do n.º 3 (3.ª SERIE)

### COLABORADORES

### QUADRO DE DISTINÇÃO

**SPARTANUS**

N.º 15 — 7 Votos

N.º 3 de MARIANITA. . . . . . . . . . 4 votos
N.º 5 de VISCOND X. . . . . . . . . . 3 »
N.º 6 de VIRIATO SIMÕES . . . . . . . 1 »

### DECIFRADORES

### QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DROPÉ, HOPE, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO, REI-FERA, VASCO DIAS (todos da T. E.); CASTROLIVA, LILI, MAMEGO.

Com 15 decifrações (Totalidade)

### QUADRO DE MERITO

DOIS PRINCIPIANTES 16, D. SIMPATICO (T. E.), FRANGERQUE 8.

### OUTROS DECIFRADORES

PAUSANIAS 7, SANCHO PANÇA, SPARTANUS 6 RENANDOF 5, VISCONDE DA RELVA 1.

### DECIFRAÇÕES

1 — esquadrinhadura, 2 — nuvem, 3 — *mesurada*, 4 — marrano, 5 — *hipo*, 6 — *Juliana*, 7 Rosa-cruz, 8 — talaca, 9 — rhoesso, 10 — paparoca, 11 — provocação, 12 — Increpado, 13 — âssono, 14 — pescota, 15 — *TOCAROLA*.

### PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.os 1 e 4, de «D. Simpático» e «Movelho», com 13 decifradôres cada uma.

### DEDICATORIAS

MAMEGO e VISCONDE DA RELVA decifraram o que lhes era dedicado.

### CHARADAS EM VERSO

*[Ao meu mestre e amigo, o ilustre charadista* BAGULHO]

1 Adóro o mar, indómito, bravio,
Colosso enorme de invencíveis lutas! . . .
Adóro as rochas, colossais, abruptas,
Os altos pincaros de aspecto frio,

O vento agreste, o caudaloso rio,
A tempestade, o raio, as fôrças brutas!

Adóro, ainda, a solidão das grutas
Inpenetraveis, d'onde a luz fugiu . . .

Adóro, sempre, a excelsa Natureza,
Pintor *magnifico*, subl me e forte! — 3
Adóro *a* Deus, o Creador fecundo — 1

De maravilhas mil de singeleza
Infinda! Glória à Vida e à própria Morte,
E *glória*, emfim, ao Creadôr do Mundo! . . .

Lisboa — JAMENGAL

*[Ao prezado amigo* AULEDO*]*

2 Quando, em vosso peito, móram
A desventura, a tristeza,
Ensombrando-nos a alma
De que nos serve a riqueza?

A *posse* duma fortuna 2
Torna infeliz muita gente,
Ao passo que «*um*» pobresinho — 1
Vive, ás vezes, bem *contente*.

Lisboa — BAGULHO

3 Todo o homem merece *censura* - 3
Quando *teima* meter-se em politica — 2
Porque tem que passar muita agrura
E levar uma vida mui *critica*.

Lisboa — MARIANITA

4 Ao lindo *som* da guitarra, — 2
Canta *o* fadista à amante — 1
Que se julga mui feliz,
Não o supondo um *tratante*.

Lisboa — ORDIGUES

### ENIGMA EM VERSO

*[Réplica ao melindrado* DROPÉ

5 Caro amigo Dropé, eu sei que não és fera,
Nem padeces, sequer, da bola, nessa idade:
Troçar, jamais pensei, nem intenção tivera
De podêr melindrar quem tem *capacidade*.

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

### CHARADAS EM FRASE

6 O homem está *livre* e é minha *tenção* que êle entre *sem esfôrço*. — 2 — 2

Lisboa — ADAMASTOR

7 Por teres tido umas dôres de cabeça *não* acho *rezoavel* que fiques *convalescente*. — 1 — 1

Lisboa — AFRICANO

8 A *minha forte* vontade vence todo o *desmazêlo* — 2 — 2

Lisboa — AVIARDO

9 Que «*sorte*», sêr *um* homem *forte*! — 3 — 1

Lisboa — EURISTO

10 A «*letra grega*» e o «*animal*» tem o *ladrão*. — 1 — 2

Lisboa — HELION

*(Á minha bôa amiga Idalina)*

11 *Está sem trabalhar*; mas não me faz *pena* porque lhe pagam, apezar de *livre de trabalho*. — 3 — 1

Lisboa — MAMEGO

*(Agradecendo ao «Africano» a sua «Sestrosa»)*

12 *Dividi* a *cmalha* em dois pedaços de um dos quais fiz um *trabalho de escultura em alto relêvo*. — 3 — 2

Lisboa — VASCO DIAS (T. E.)

*(Ao habil Director da Secção, «Dr. Fantasma», a todos os ilustres confrades e distintas confreiras, desejando-lhes umas Festas felizes e um Ano Novo muito prospero.)*

13 Por causa do prêço de um *perú*, uma «*mulher*» estabeleceu um enorme *motim*. - 2 - 2

Lisboa — VISCONDE

*Secção dirigida por DR. FANTASMA*

**Nota importante.** — Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

NONÓ, DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS.

### DECIFRAÇÕES DO N.º 101

HORIZONTAIS. — 1 mariola, 2 abetruz, 3 ara, 4 num, 5 lôa, 6 avé, 7 co, 8 otro, 9 atum, 10 an, 11 idéa, 12 edil, 13 leram, 14 toa, 15 aliar, 16 anel, 17 canos, 18 anui, 19 sal, 20 la, 21 mó, 22 aná, 23 hino, 24 mera, 25 mal, 26 oo, 27 io, 28 ror, 29 alar, 30 sêmea, 31 maná, 32 rimar, 33 uel, 34 liras, 35 amor, 36 rito, 37 el, 38 odor, 39 mago, 40 pá, 41 lia, 42 sei, 43 asa, 44 iad, 45 olmeiro, 46 bárbara.

VERTICAIS. — 1 máculas, 25 martelo, 47 aro, 48 ena, 49 ali, 50 lil, 51 rã, 11 irel, 52 lama, 53 am, 54 i, 8 odal, 55 ramo, 56 ontem, 20 lio, 57 rodsi, 58 lura, 17 canos, 59 roer, 60 amo, 14 ta, 61 eu, 62 rio, 63 mono, 64 amen, 2 ala, 65 ao, 66 el, 39 mab, 67 bote, 68 ameia, 36 rasa, 69 eauda, 70 oro, 34 ligar, 71 mila, 31 mito, 72 ra, 73 lina, 28 raro, 44 ia, 74 uva, 75 aun, 76 ona, 40 par, 77 zenéria, 78 rascada.

AOS ILUSTRES CONFRADES

M. Freiria
Lisboa

### PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso eximio e laboradôr «Mario Freiria».

HORIZONTAIS. — 1 fechado, 2 oferecido, 3 opulenta, 4 terei posse, 5 costureiras, 6 emendado, 7 espécie de cogumelos venenosos, 8 hortaliça, 9 esmoncara (form. arc.), 10 comando da Aeronautica Naval, 11 seis letras da palavra «choramingou», 12 malha, 13 pronome pessoal, 14 marca de cadeado. 15 seis letras de «vilarinho», 16 dacidade, 17 acomodo-me, 18 em forma de rêde (pl.), 19 homem rico e avarento (em latim), 20 conheço, 21 duas vezes, 22 campo de trigo, 23 pronome pessoal, 24 viatura inglesa, 25 duas consoantes, 26 grito de dôr, 27 prefixo significando o «contrario», 28 casa (fig.), 29 dilatação signovial nos solipedes, 30 separa, 31 gritos, 32 prefixo significando «sobre», 33 afirmação, 34 voltar (invertido), 35 abreviatura de vocativo, 36 creava cãs, 37 classe a que pertence a ervilha de cheiro, 38 prejudica, 39 esquecia, 40 encimados, 41 pai dos deuses na antiga Grécia.

VERTICAIS. — 1 filtra, 3 masso, 4 um dos Titans que fez o homem de argila, 8 liga, 18 duas consoantes, 19 medonho, 23 erguer, 29 terra (em latim), 37 rio da Italia, 42 anagrama de «Dês», 43 condenado, 44 dez consoantes iguais, 45 três vogais, 46 preté ito dum verbo inglês, 47 tempo (fig.), 48 se *oferecer*, 49 incompleto, 50 firmamento, 51 nome de mulher, 52 três consoantes, 53 inspiração (fig. invertido), 54 nome de mulher, 55 tombar, 56 queimadura, 57 cinco letras de «christofle» 58 nome dum arquipelago dinamarquez, 59 anagrama de «*canos*», 60 propagava, 61 precisa (com erro de ortografia e invertido), 62 cinco letras de «colibri», 63 termo árabe para indicar «Oasis», 64 sufixo que significa «natural de», 65 ligei, 66 duas consoantes, 67 poeira, 68 motivei, 69 duas vogais iguais, 70 sinal que se usa ás vezes no fim das cartas (invertido), 71 esqueletos, 72 duas consoantes iguais, 73 doença produzida pelo figado (pelo trasvasamento da bilis), 74 duas consoantes, 75 duas letras de «rua», 76 porcas, 77 nome feminino, 78 caminhavas, 79 monarca, 80 cosinho no fôrno, 81 seis letras da palavra «propalarão», 82 especie de chouriço, 83 pronome pessoal, 84 contracção de preposição com artigo, 85 duas consuantes, 86 duas letras de «viuva», 87 duas consoantes, 88 caminhava, 89 ande! (inv.) 90 duas letras de «Lidia», 91 artigo (pl.), 92 carta de jogar, 93 pron. demonst. (franc.), 94 pron. pess.

### CORREIO

DOIS TORREJANOS. — Recebi e agradeço reconhecido. Colaboradôres como V. Ex.as, têm, sempre, a porta aberta...

DOIS PRINCIPIANTES. — Não esqueço ninguêm. Brevemente sairá outro.

DR. FANTASMA

# Varia

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

**PROBLEMA N.º 103**

(1.º premio) por A. C. White

Pretas (5)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 102 Natal

1 B. × B ÷; 2 B. 5 D ÷; 3 D. 3 B ÷; 4 P. × C ÷; 5 D. 5 D ÷ 6 T. 6 D × P ÷; 7 T. × P ×.

Resolveram o problema n.º 101 os srs. Nunes Cardoso, Maximo Jordão, Dr. J. M. da Costa (Alpiarça); Club Portuense (Porto) e Grupo Amadores de Xadrez de Rio de Moinhos (Abrantes)

ERRATA DO N.º 102—Substituir o R branco de 1 D por D branca.

BIBLIOGRAFIA: — «The Chess Problem» por H. Weenink, editado por O. Hume e A. C. White.

Alain White, o grande classificador e compositor de problemas, acaba de enviar-nos o volume de 1926 da sua colecção *A. C. White's Christmas Series*. E' uma versão inglesa da obra do compositor holandês H. Weenink *Het Schaakprobleem: ideen en scholen*, ampliada com novos exemplos e modificações introduzidas pelos editores, de acordo com o autor. O livro, dividido em duas partes, —(1.ª Desenvolvimento historico do problema de xadrez; 2.ª Relance de olhos sobre os temas de problemas)—constitue um optimo tratado para estudo das actuaes concepções sobre o problema de xadrez; esplendida impressão, com 316 paginas e 374 diagramas, termina por uma interessante lista de compositores, com dados biograficos, onde se inclue o nosso Damião, (Seculo XVI).

O problema que hoje publicamos, 1.º premio do torneio de Merediths da *Good Companion* de Maio de 1918, ilustra o capitulo *Pregagem* (Pinning).

A Alain White os nossos agradecimentos e desejos de um ano muito prospero.

# Vera Sergine e Ludmila Pitoeff em Lisboa

O nome de Vera Sergine anda já aí, em cartazes.

Na segunda quinzena de Janeiro, a Lisboa «snob» e a Lisboa intelectual vão ter ocasião de admirar uma das maiores actrizes contemporaneas. Vera Sergine é um nome aniversal, que dispensa adjectivos. E' uma artista de público seguro, em Paris e em todo o mundo. Ainda recentemente, tivemos ocasião de vê-la representar, no «Théatre de Paris», uma peça inferior—«La Riposte»—em que o seu trabalho se impunha de tal maneira que o teatro enchia.

Vera Sergine, a grande actriz francesa que Lisboa vai admirar.

tava enchentes, todas as noites. Vera Sergine, morena e rosada, com o cabelo cortado em franginha, é uma das maiores trágicas de todos os tempos; depois da grande Sarah e de Réjane, é a detentora do sceptro feminino, nos palcos da França. Nos principios da sua carreira, nada fazia prever que viria a ser uma trágica. Pelo contrario: estreou-se com uma obra alegre, com o «Ou ne badine pas avec l'amour» de Alfred de Musset.

O seu temperamento tambem é alegre, e conta-se até uma anedota que mostra como a artista é capaz de vêr o cómico em qualquer situação em que se encontre. Representando «Insoumise», a sua corôa de gloria, a artista, no próprio momento em que vai morrer, assassinada, tem um ataque de riso enorme, que o público toma por um estertor angustioso, e que foi despertado pela vista do gato do teatro que entrara em scena e assistia á representação, muito comodamente instalado sob a caixa do ponto.

Vera Sergine representou o «Aiglon», com enorme sucesso. Foi uma das grandes interpretes de Henri Bataille e contribuiu para o exito de muitas obras de Charles Meré e de Henri Kistemaeckers. Foi a inolvidavel interprete do «Grand Soir» e da «Robe Rouge», de Brieux. Os seus papeis preferidos são os de paixão, violencia e arrebatamento.

Vera Sergine é das actrizes mais realistas, mais espontaneas; todo o seu talento parece ter por supremo objectivo o dar ao público a impressão de que as mesmas palavras que ela todas as noites pronuncia são palavras encontradas por ela propria, ali, no preciso momento em que as falas dos outros personagens as provocaram.

Vera Sergine obteve o seu primeiro premio de tragedia em 1904, inesperadamente. Era ainda muito jovem. Naquele tempo, no Conservatorio, havia dois exercicios, nos exames finais. Vera Sergine, por ser muito nova, não podia concorrer ao prémio, mas nesse ano de 1904 entrou nos exames para fazer algumas scenas com as suas companheiras que concorriam. De tal maneira se houve nesse papel secundario, que o público quasi impôs ao juri a sua admissão ao concurso final. O juri admitiu-a e ela obteve o primeiro premio de tragedia.

Não é só em França que Vera Sergine tem alcançado grandes triunfos artisticos. No estrangeiro e na America do Sul—em companhia do grande actor Hugeunet—, teve ocasião de honrar o seu nome e o da sua patria.

Outra grande artista que Lisboa vai admirar, e esta pela primeira vez, é Ludmila Pitoeff, a

Margarita Xirgu, a grande tragica espanhola, no papel de Santa Joana, da peça de Bernard Shaw, papel que foi criado em Paris pela artista Ludmila Pitoeff, a qual vem a Lisboa pela primeira vez, no proximo mês de Fevereiro.

imortal criadora da «Sainte Jeanne», a peça de Bernard Shaw que tão grandes contorversias levantou e que nenhuma das nossas artistas ainda quis representar.

Com certeza que Ludmila Pitoeff não deixará de se fazer admirar na sua magistra criação.

Teremos, então, ensejo para ver o que é a união intima, absoluta, inconfundivel, entre uma personagem e o seu interprete scénico.

A Santa Joana de Shaw, o espirito dessa figura, está absolutamente a caracter com o temperamento dessa actriz russa que os acasos da vida, a maré alta da vida, arrastou na companhia de seu marido—grande «metteur-en-scène» moderno—para o agitado scenario parisiensc.

Vêr Ludmila Pitoeff na «Sainte Jeanne» é presencear um dos maiores milagres de arte dos tempos modernos, um milagre que nem o talento histriónico duma Margarida Xirgu poude igualar e que, felizmente—felizmente para a boa reputação de inteligencia que as nossas melhores actrizes desfrutam—não foi «parodiado» em Portugal.

*Solução do problema n.º 102*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 17-21 | 26-17 |
| 2 | 7 10 | 19-1 |
| 3 | 2-7 | 28-19 |
| 4 | 8-4 | 31-24 |
| 5 | 7-10 | 1-15 |
| 6 | 4-18-27-20-2-13-22 | |

Ganha

**PROBLEMA N.º 103**

Pretas 1 D e 1 p.

Brancas 2 D. e 1 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 101 os srs.: Alvaro Santos, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Salierf, (Porto), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado por *Um principiante* (Carvalho).

Toda a correspondencia relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

# ACTUALIDADES GRAFICAS

## UMA CERIMONIA MILITAR

*Entrega da bandeira ao Batalhão de Automobilistas. Após a entrega da bandeira pelo Chefe de Estado, é-lhe oferecido um ramo de flores pela corporação de sargentos.*

## ONDE SE COMPRAM AS ARVORES DO NATAL

*O mercado dos pinheiros, nas arcadas do Terreiro do Paço*

## COMO SE CAÇAM OS PATOS

*Em volta do caçador, que emerge em parte, flutuam patos de madeira, que atraem os verdadeiros e ingenuos bichos que aquele pretende matar.*

## ESCOLA DE CROQUIS

*Oag rnde pintor Max Slevogt, autor dos retratos celebres do nosso compatriota ilustrissimo Francisco de Andrade, organisou uma curiosa e util escola de desenho rapido, tomando para modelos quadros de movimento de films, onde aparecem atitudes reais, que um modelo vivo não poderia suportar, mesmo por pouco tempo.*

### BELAS-ARTES

*O ilustre pintor Fernando dos Santos que realisa agora, na Sociedade Nacional de Belas Artes a sua exposição de pintura, cujo exito toda a critica assignalou.*

### LETRAS

*O distinto escritor e adido de legação, sr. Correia da Costa, autor do belo livro de cronicas e impressões com o titulo «O Esplendor das Coisas», ultimamente publicado.*

PUBLICIDADE

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO 52$20 SEMESTRE 26$10
ESTRANGEIRO
ANO 64$64 SEMESTRE 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

**Um grande melhoramento citadino**

O que será a futura estação do Caes do Sodré, que está sendo construida